L. H. Lehmann

A Igreja Católica no "Mein Kampf" de Hitler

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

L. H. Lehmann

A Igreja Católica no "Mein Kampf" de Hitler

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Atenção!

A Libro & Moschetto não concorda com as opiniões protestantes do autor. Tal livro não foi traduzido com o intuito de denegrir nem desafiar a Santa Igreja. Por mais que o autor seja protestante, ele conseguiu fazer uma análise correta da história.

Sumário

INTRODUÇÃO.....5
INFLUÊNCIA CATÓLICA INICIAL.....6
ADMIRAÇÃO PELA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA.....7
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....8
CELIBATO CLERICAL.....10
ANTISSEMITISMO.....11
RELAÇÕES IGREJA-ESTADO.....14
ULTRAMONTANISMO.....15
O PAPA PIO XII LEVOU HITLER AO PODER.....18
FILIAÇÃO RELIGIOSA DOS DITADORES NAZISTAS E FASCISTAS, SEUS FANTOCHES, QUISLINGS E COLABORADORES.....20

INTRODUÇÃO

Mein Kampf, a bíblia e o plano-mestre do nazismo, desnuda os segredos e desígnios da mente de Hitler. Nele, o Führer traçou suas convicções e princípios mais profundos. Aqueles que inicialmente zombaram disso como uma ilusão impossível de se concretizar viram-se depois obrigados a constatar como, literalmente, isso foi transformado em realidade. Infelizmente, diante dos fatos do caso, uma barragem constante de propaganda católica na imprensa comercial tem atordoado o público americano, levando-o a acreditar que Hitler despreza a Igreja Católica e está tramando a sua ruína.

Desde o início, *The Converted Catholic Magazine* apontou que Hitler e a Igreja Católica Romana concordam quanto aos princípios básicos do fascismo e quanto à necessidade de eliminar dos diversos ramos nacionais da Igreja todos os elementos políticos liberais. Pio XI deixou claro o caminho para a abolição, por parte de Hitler, do governo democrático ao dissolver o poderoso Partido do Centro Católico na Alemanha. Convém também observar que, por trás da encenação posterior das desavenças entre Hitler e o Vaticano, o papa atual tem, em todos os momentos, recusado condenar Hitler, muito menos excomunicá-lo da Igreja ou denunciar a concordata nazista que ele próprio negociou com Hitler quando este era núncio papal em Berlim.

Fritz Thyssen, magnata católico do aço, em seu livro *I Paid Hitler*[1], admite que, junto com outros grandes industriais do Reno católico, ele despejou milhões de dólares nos cofres de Hitler, com o entendimento de que Hitler prepararia o caminho para uma confederação de países sob um monarca católico—uma versão moderna do Sacro Império Romano. Em 1933, o Vaticano foi o primeiro Estado soberano a dar o aval a Hitler, ao firmar um acordo solene com ele logo depois que este estabeleceu uma ditadura que chocou a sensibilidade do mundo.

Hitler estabeleceu seu partido nazista em Munique, a cidade mais católica da Alemanha. Goebbels, Himmler, Röhm, Von Papen, Seyss-Inquart, Buerkel e outros pilares do Nazismo são católicos romanos, e estão abertamente listados como tais no *Wer Ist's* oficial (Quem é Quem) da Alemanha. Da intensa admiração de Hitler pela Igreja Católica, da qual ele é membro reconhecido em plena comunhão (e também listado como tal no *Wer Ist's*), não há dúvida razoável. Além das próprias declarações de Hitler sobre a Igreja Católica, há uma nota de rodapé na página 366 do *Mein Kampf* de Hitler que diz: "Rauschring (cf. sua *Revolution des*

1 Resenhado na revista **THE CONVERTED CATHOLIC**, edição de maio de 1942, p. 138.

Williamsums) destacou o profundo respeito de Hitler pela Igreja Católica e, em particular, pela Sociedade de Jesus" (ou seja, os jesuítas).

O entusiasmo de Hitler pela Igreja Católica Romana, seu respeito por seus objetivos e sua visão de mundo, sua admiração por seus princípios e pelo plano de organização dela se refletem ao longo de *Mein Kampf*. Ele não dedica um capítulo à Igreja Católica como se fosse algo estranho à sua ideologia; ao contrário, ele interage com ela de forma integrada, quase em todas as suas análises e princípios principais.

O melhor que se pode fazer aqui é colocar o máximo possível desses trechos de *Mein Kampf*, respeitando o espaço disponível, sob os principais tópicos aos quais pertencem. Entre eles estão: a influência católica inicial de Hitler; sua admiração pela organização da Igreja; intolerância religiosa; celibato clerical; antissemitismo; relações Igreja-Estado; e ultramontanismo.

Todas as citações são da edição inglesa definitiva e não censurada, publicada pela Reynal & Hitchcock:

INFLUÊNCIA CATÓLICA INICIAL

Nenhum estudioso de psicologia precisa que lhe expliquem o poder das influências da infância na formação do padrão de vida de uma pessoa. A mente juvenil de Hitler, com sua inclinação natural para o misticismo e para a arte, foi profunda e favoravelmente impressionada e moldada pelo ritual e pela pompa da Igreja Católica. Sua admiração pela Igreja ajudou a moldar seu ideal pessoal de poder ditatorial; ainda muito jovem, ele encontrou sua encarnação perfeita no abade de um mosteiro, eleito para toda a vida, com poderes ilimitados e incontestados. Assim, ele diz (p. 7):

"Na medida em que, em meu tempo livre, eu recebia aulas de canto no coro do convento de Lambach [mosteiro], tive repetidas vezes uma excelente oportunidade de me embriagar com o esplendor solene das magníficas festas religiosas.

"Parecia-me perfeitamente natural que a posição de abade se apresentasse a mim como o mais alto ideal alcançável, assim como a de pároco de aldeia havia atraído meu pai."

Mais uma vez, ele diz (p. 711):

“À noite, porém, eles [as pessoas] sucumbem com mais facilidade à força dominadora de uma vontade mais forte. . . O mesmo objetivo também é servido pela penumbra artificialmente criada e, ainda assim, misteriosa das igrejas católicas, pelas velas acesas, o incenso, os turíbulos etc.”

ADMIRAÇÃO PELA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Hitler relativiza as falhas individuais dentro da Igreja Católica e se impressiona com a solidez e o êxito de sua organização como um todo. A seus olhos, o maior crime de que um padre ou bispo pode ser culpado é a atuação na formação de partidos políticos liberais que ajam de modo independente do controle centralizado do Vaticano. Ele agiu com severidade contra alguns membros do clero católico, na Alemanha e nos países ocupados, que persistiram em incentivar uma ação política independente depois que o Papa Pio XI havia dissolvido o Partido do Centro Católico e o Partido Popular da Baviera. Tampouco poupou uma dignidade tão elevada da Igreja quanto o cardeal Faulhaber.

Os trechos a seguir são suficientes sobre este ponto:

“Seria injusto responsabilizar a religião enquanto tal, ou mesmo a Igreja, pelos erros de diversos indivíduos. Deve-se comparar a grandeza visível da organização com a falibilidade média dos homens em geral, e será preciso admitir que a proporção entre o bom e o mau é aqui talvez melhor do que em qualquer outro lugar.

“Mesmo entre os padres há, certamente, aqueles para quem o seu sagrado ofício é apenas o instrumento para a satisfação de sua ambição política e que, na luta política, esquecem de maneira mais do que deplorável que deveriam ser os guardiões de uma verdade superior e não os promotores de mentiras e calúnias — mas tal indivíduo indigno é, por outro lado, compensado por mil e mais pastores honestos, os mais fielmente dedicados à sua missão, que se destacam como pequenas ilhas

em um pântano comunitário em nosso tempo mentiroso e desmoralizado.” (p. 149)

“Aquele que acredita poder chegar a uma reforma religiosa pelo caminho indireto de uma organização política apenas demonstra que, na realidade, não tem a menor ideia do modo como se originam as concepções religiosas ou mesmo os dogmas e de qual é o seu efeito sobre a Igreja.” (p. 147)

Seu ideal de organização é semelhante ao da Igreja Católica, cujo chefe não democrático é supremo e absoluto e que, depois de escolhido uma vez, não pode ser substituído:

“O jovem movimento, de acordo com sua estrutura e sua organização interna, é antiparlamentar; isto significa que, em termos gerais e em sua construção interna, rejeita um princípio de decisão pela maioria, pelo qual o líder é rebaixado à posição de executor da vontade e da opinião de outros. O movimento, tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas, representa o princípio de uma democracia germânica: escolha do líder, mas autoridade absoluta deste último.” (p. 478)

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A essência da Igreja Católica consiste em sua autoridade absoluta, em sua pretensão de ser a única e verdadeira religião, em sua autoconfiança fanática, em sua exigência de obediência cega, em sua intolerância dogmática, em sua recusa em fazer concessões mesmo à ciência. Cada uma dessas qualidades foi notada e admirada por Hitler como o segredo do êxito. Mais tarde, ele lhes prestou a forma mais sincera de lisonja, a imitação: fez delas a estrutura de seu partido e de seu governo nazistas.

Entre as muitas passagens repetitivas nas quais ele enfatiza isso, as seguintes são suficientes:

“Se a doutrina religiosa e a fé realmente devem se apoderar das grandes massas, então a autoridade absoluta do conteúdo dessa fé é a base de toda eficácia.” (p. 365)

“A grandeza de toda organização poderosa, enquanto encarnação de uma ideia neste mundo, está enraizada no fanatismo religioso com que ela se impõe de maneira intolerável contra tudo o mais, fanaticamente convencida de seu próprio direito.” (p. 487)

Reichsführer Hitler saúda o Revmo. Mons. Jozef Tiso, chefe de Estado da Eslováquia, camareiro pontifício e sacerdote católico romano, no quartel-general de campanha de Hitler na Frente Oriental, outubro de 1941.

“A grandeza do cristianismo não estava enraizada em tentativas de negociação por meio de compromissos com opiniões filosóficas talvez construídas de modo semelhante às do mundo antigo, mas na pregação e na afirmação inexoravelmente fanáticas de sua própria doutrina.” (p. 487)

“O futuro de um movimento é condicionado pelo fanatismo, e ainda mais pela intolerância, com que seus adeptos o apresentam como o único correto e o impõem diante de outras formações de natureza semelhante.” (p. 485)

“Aqui também é possível aprender com a Igreja Católica. Embora sua estrutura doutrinal, em muitos casos, entre em choque, até de modo bastante desnecessário, ela não está disposta a sacrificar sequer uma pequena sílaba de seus dogmas. Reconheceu corretamente que sua

capacidade de resistência não reside em uma adaptação maior ou menor aos resultados científicos do momento, que na realidade estão sempre mudando, mas antes em uma adesão rigorosa aos dogmas uma vez estabelecidos, os quais, por si sós, conferem a toda a estrutura o caráter de credo.

"Hoje, portanto, a Igreja Católica está mais firme do que nunca. Pode-se profetizar que, na mesma medida em que as aparências fogem, a própria Igreja, como polo de repouso na fuga das aparências, ganhará cada vez mais adeptos cegos." (p. 882)

CELIBATO CLERICAL

A Igreja Católica, em seu planejamento astuto e de longo alcance, encontra força organizacional e renovado vigor no celibato imposto ao seu clero e às suas numerosas ordens ativas e contemplativas de monges e freiras. O sacrifício resultante do individualismo e da moralidade pessoal é considerado um pequeno preço a pagar por uma prática que fortalece a estrutura organizacional da Igreja como um todo e que a livra de muitos dependentes, obrigações e responsabilidades.

Hitler também é um defensor do princípio de que "os fins justificam os meios" e é superlativo em sua admiração por essa prática implacável justamente porque ela é bem-sucedida. Ele diz (p. 643):

"Aqui, a Igreja Católica pode ser considerada um exemplo-modelo. No celibato de seus sacerdotes está enraizada a obrigação de recrutar a futura geração do clero, em vez de extraí-la de suas próprias fileiras, repetidas vezes a partir das amplas massas do povo. Mas esse significado particular do celibato não é reconhecido pela maioria das pessoas. Ele é a origem da força incrivelmente vigorosa que habita essa instituição milenar. Essa gigantesca hoste de dignitários eclesiásticos, ao se renovar ininterruptamente a partir das camadas mais baixas das nações, não apenas preserva seu vínculo instintivo com o mundo sentimental do povo, como também assegura para si uma soma de energia e de força ativa que, nessa forma, sempre estará presente apenas nas amplas massas populares. Disso

resulta a assombrosa juventude desse organismo gigantesco, sua maleabilidade espiritual e sua vontade de aço.”

Ele também glorifica o princípio fundamental da educação jesuíta, o treinamento da vontade:

“Da mais alta importância é o treinamento da força de vontade e da determinação, bem como o cultivo da alegria em assumir responsabilidades.” (p. 623)

Hitler saúda Serrano Suñer, chefe da Falange Espanhola e presidente do Conselho Superior das Missões Religiosas Espanholas no Exterior.

ANTISSEMITISMO

Antes de Hitler chegar a Viena e entrar em contato com o líder católico antissemita Dr. Karl Lueger, prefeito de Viena, ele nada sabia sobre o antissemitismo organizado. Ele diz (p. 67):

“Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de que existisse hostilidade organizada contra os judeus.”

A nota de rodapé do editor, referente ao trecho acima, na página 69, diz:

“Hitler, portanto, não compartilhava do sentimento católico predominante de que intelectuais e jornalistas judeus estariam minando os

direitos da Igreja. Ele era um ‘liberal’ no sentido de que, embora nascido católico, recusava-se a se comprometer seriamente com um dos lados de uma discussão religiosa.”

Ele logo aprendeu a admirar e a imitar esse líder católico, um protegido do Vaticano, que conhecia o valor político e o apelo às massas do antissemitismo:

“De qualquer modo, e por causa disso, gradualmente aprendi a conhecer o homem e o movimento que governavam o destino de Viena: o doutor Karl Lueser e o Partido Cristão-Social.” (p. 71)

A nota de rodapé do editor a respeito disso diz:

“Karl Lueser (1844–1910) fundou o Partido Cristão-Social (ao qual pertenciam o dr. Engelbert Dollfuss e o dr. Kurt von Schusschwig) com base em um programa que combinava uma boa dose de legislação municipal progressista com uma percepção astuta dos valores políticos latentes no antissemitismo popular. . . O cardeal Rampolla, então secretário de Estado papal, manteve uma mão protetora sobre Lueser. . .”

Ele logo aprendeu a admirar e a imitar esse líder católico, um protegido do Vaticano, que conhecia o valor político e o apelo às massas do antissemitismo:

“De qualquer modo, e por causa disso, gradualmente aprendi a conhecer o homem e o movimento que governavam o destino de Viena: o doutor Karl Lueser e o Partido Cristão-Social.” (p. 71) A nota de rodapé do editor a respeito disso diz:

“Karl Lueser (1844–1910) fundou o Partido Cristão-Social (ao qual pertenciam o dr. Engelbert Dollfuss e o dr. Kurt von Schusschwig) com base em um programa que combinava uma boa dose de legislação municipal progressista com uma percepção astuta dos valores políticos latentes no antissemitismo popular. . . O cardeal Rampolla, então secretário de Estado papal, manteve uma mão protetora sobre Lueser. . .”

Hitler diz ainda sobre Lueger (p. 128):

“Sua política infinitamente hábil em relação à Igreja Católica conquistou para ele, em pouco tempo, o clero mais jovem a tal ponto que o antigo Partido Clerical foi obrigado a abandonar o campo de batalha ou, de

modo ainda mais sensato, a juntar-se ao novo partido, a fim de assim recuperar lentamente uma posição após outra.”

Ele deixa claro que o protestantismo, ao contrário do catolicismo, se opõe ao antissemitismo e, de modo geral, carece da intolerância religiosa que ele idolatra. Ele diz:

“Assim, o protestantismo sempre se interessará pela promoção de tudo o que é alemão enquanto tal, sempre que se trate de pureza interior ou de intensificação do sentimento nacional — a defesa da vida alemã, da língua alemã e da liberdade alemã —, pois tudo isso também está firmemente enraizado no protestantismo; mas combaterá imediata e energicamente toda tentativa de salvar a nação do domínio de seu inimigo mais mortal, uma vez que sua atitude em relação ao judaísmo é encarada mais ou menos de forma dogmática. Mas aqui está envolvida uma questão sem cuja solução todas as tentativas de um renascimento alemão ou de uma revitalização nacional são e continuarão sendo absurdas e impossíveis.” (pp. 144–5)

“O protestante mais crente poderia estar nas fileiras ao lado do católico mais crente, sem jamais ter de entrar no menor conflito de consciência com suas convicções religiosas.” (p. 829)

“O ‘Cristianismo Positivo’, nome jesuítico para o catolicismo agressivo em sua forma mais fascista e antiliberal, foi adotado pelo Partido Nacional-Socialista de Hitler como seu ponto de vista e política oficiais. Hitler o cita no Artigo 24 da seguinte forma (p. 694):

“Art. 24: O Partido professa o ponto de vista do ‘Cristianismo Positivo’.”

Ele repete os argumentos antijudaicos do “Cristianismo Positivo”, amplamente pregados naquela época em toda a Alemanha pelos padres jesuítas Pachter, Overmanns, Hugger, Loeffler e Muckermann, e, neste país, pelo padre Coughlin e seus seguidores:

“A doutrina judaica do marxismo rejeita o princípio aristocrático da natureza; no lugar do privilégio eterno da força e do vigor, coloca a massa dos números e seu peso morto.”

Ele então acrescenta:

“Portanto, acredito que estou agindo no sentido do Criador Todo-Poderoso: ao afastar os judeus, estou lutando pela obra do Senhor.” (p. 84)

RELAÇÕES IGREJA-ESTADO

Nas citações a seguir, Hitler expressa sua convicção de que o Estado autoritário e a Igreja dogmática são mutuamente complementares e interdependentes; de que o baixo clero, em benefício da Igreja, deve evitar a política; e de que o político prudente deixa a Igreja, enquanto tal, em paz.

Aqui Hitler se refere aos partidos políticos liberais que abundavam na Alemanha depois que ela se tornou uma república em 1918, especialmente o Partido do Centro Católico e o Partido Popular da Baviera. O Vaticano os dissolveu, contrariando os desejos de muitos padres e prelados, e firmou um concordato com Hitler em 1933. Anteriormente, havia feito o mesmo na Itália para abrir caminho a Mussolini. Sob o novo arranjo, todos os acordos políticos passam a ser matéria de trato pessoal entre o ditador e o papa, sem interferência de grupos organizados do clero e do laicato locais.

Era isso que Hitler desejava e assim o estabeleceu nas passagens a seguir:

“As leis orgânicas pertencem ao Estado e o dogma pertence à religião. Somente assim a ideia puramente espiritual, vacilante e infinitamente interpretável, é definitivamente delimitada e posta em forma, sem o que jamais poderia tornar-se fé. O ataque ao dogma em si, portanto, assemelha-se muito também à luta contra os fundamentos jurídicos gerais do Estado e, assim como esta última encontraria seu fim em uma completa anarquia do Estado, aquela resultaria em um niilismo religioso sem valor.” (p. 366)

“Mas piores do que tudo são as devastações provocadas pelo abuso das convicções religiosas para fins políticos.”

“Se, na Alemanha do pré-guerra, a vida religiosa deixou para muitos um gosto residual, isso se deveu ao mau uso que foi infligido ao cristianismo por parte de um chamado partido ‘cristão’, bem como à imprudência com que se tentou identificar a fé católica com um partido político.

“Essa substituição foi uma fatalidade que talvez tenha rendido cadeiras parlamentares a um certo número de imprestáveis, mas trouxe prejuízo à Igreja.

“O resultado, porém, teve de ser suportado por toda a nação, pois as consequências do afrouxamento da vida religiosa provocado por isso se manifestaram justamente num momento em que tudo, de qualquer modo, começava a ceder e a mudar, e em que os fundamentos tradicionais do comportamento e da moral ameaçavam desmoronar.” (p. 367).

“Os partidos políticos nada têm a ver com problemas religiosos, desde que estes não sejam hostis à nação e não minem a ética e a moral de sua própria raça; do mesmo modo que a religião não deve ser combinada com o absurdo dos partidos políticos.

“Sempre que dignitários eclesiásticos se servirem de instituições ou doutrinas religiosas para prejudicar sua nacionalidade, não se deve segui-los, mas combatê-los com as mesmas armas.

“Para o líder político, as doutrinas e instituições religiosas de seu povo devem ser sempre invioláveis; caso contrário, ele não deveria ser um político, mas tornar-se um reformador, desde que seja feito da matéria certa.” (p. 150)

ULTRAMONTANISMO

Hitler fala de modo depreciativo do *Kulturkampf* austríaco, um movimento pangermânico do final do século XIX, que era hostil ao ultramontanismo, isto é, às políticas reacionárias do elemento jesuítico-vaticano da Igreja Católica.

Sobre o *Kulturkampf*, ele diz (p. 151):

“Ele se tornou inviável em numerosos círculos pequenos e médios por meio de sua luta contra a Igreja Católica, privando-se assim de incontáveis dos melhores elementos que a nação pode chamar de seus.”

“Conseguiu-se arrancar da Igreja quase cem mil membros [o movimento *Los von Rom*], mas ela não sofreu nenhuma perda particular por causa disso. Realmente não precisou derramar lágrimas pelos ‘cordeiros’ perdidos; pois a Igreja perdeu apenas aquilo que, há muito tempo, internamente, já não lhe pertencia plenamente.

“Essa foi a diferença entre a nova reforma e a antiga [a de Martinho Lutero]: que, outrora, muitos dos melhores da Igreja se afastaram dela por convicção interior, enquanto agora partiram apenas aqueles que não eram apenas mornos, mas o fizeram por ‘considerações’ de natureza política.”

Em contraste, porém, com tal política anticatólica, estava a política pró-católica e antissemita do partido clerical do dr. Lueger, da qual Hitler fala com aprovação (p. 154):

“Ela evitou todas as lutas contra uma instituição religiosa, assegurando assim o apoio de uma organização tão poderosa quanto a Igreja representa. Assim, tinha apenas um único adversário realmente grande [os judeus].

Na Alemanha durante a década de 1920, a oposição ao ultramontanismo voltou a surgir em razão da maior liberdade de expressão e de ação política sob a República. Hitler atribui aos judeus esse movimento anticatólico — embora o general Ludendorff tenha participado dele:

“Tal como a situação se apresentava então, a única possibilidade de ocupar a atenção pública com outros problemas e, assim, conter o ataque concentrado contra o judaísmo residia em abrir a questão ultramontana e no choque mútuo entre o catolicismo e o protestantismo que dela resultava.” (p. 825)

Ele também está convencido de que é inútil, assim como imprudente, lutar contra o ultramontanismo jesuítico:

“Os senhores que, de repente, no ano de 1924, descobriram que a missão suprema do movimento völkisch é a luta contra o ‘ultramontanismo’ não esmagaram o ultramontanismo, mas rasgaram o movimento völkisch.” (p. 829)

É impossível que Hitler alguma vez tenha favorecido uma atitude hostil em relação ao catolicismo ultramontano. Toda a sua "nova ordem" baseia-se no controle do mundo por meio de uma combinação das forças da intolerância religiosa e política. Anteriormente, na página 675, ele deixa isso claro:

"Pois a concepção de vida [*Weltanschauung*, 'uma política de mundo'] é intolerante e não pode se contentar com o papel de 'um partido entre outros', mas exige de modo ditatorial que seja reconhecida de forma exclusiva e completa, e que toda a vida pública seja inteiramente reajustada de acordo com suas próprias concepções."

Isso está em perfeito acordo com todas as encíclicas dos papas dos últimos duzentos anos e encontra-se, em sua forma mais recente, na conhecida encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), do falecido papa Pio XI, que firmou concordatas tanto com Mussolini quanto com Hitler. O subtítulo dessa encíclica bem conhecida é "Reconstrução Católica da Ordem Social". Isso é ainda corroborado por outras encíclicas desse mesmo papa que reivindicam controle completo e ditatorial sobre a educação e o matrimônio.

FAC-SÍMILE DA INTRODUÇÃO AO TEXTO OFICIAL ALEMÃO DA CONCORDATA ENTRE A SANTA SÉ E O REICH DE HITLER — ASSINADA EM 20 DE JULHO DE 1933, POR EUGÊNIO CARDAL PACELLI (ATUALMENTE PAPA PIO XII) E FRANZ VON PAPEN.

Das Reichskonkordat.

Der amtliche Text des Vertrages.

Konkordat

zwischen

dem Heiligen Stuhl und dem Deutschen Reich.

Se. Heiligkeit, Papst Pius XI.

und

der Präsident des Deutschen Reiches,

...Konkordat, dessen deutscher und ...
...Kraft haben, soll ratifiziert und die Ratifik...
...baldigst ausgetauscht werden. Es tritt mit dem ...
...Austausches in Kraft.
Zu Urkund dessen haben die Bevollmächtigten di...
...onkordat unterzeichnet:

Geschehen in doppelter Urschrift in der Vatikanstadt
20. Juli 1933.

Eugenio Cardinale Pacelli.

Franz von Papen.

"O texto termina como acima: 'Assinado em duplicata na Cidade do Vaticano, em 20 de julho de 1933.

EUGÊNIO CARDEAL PACELLI
FRANZ von PAPEN.'"

O PAPA PIO XII LEVOU HITLER AO PODER

O Artigo 16 da concordata acima entre Hitler e o Vaticano estabelece o texto do juramento que todos os bispos alemães são obrigados a prestar diante do *Reichsstatthalter*, da seguinte forma:

"Juro diante de Deus e sobre os Santos Evangelhos e prometo, como convém a um bispo, ser leal ao Reich Alemão e ao Estado. Juro e prometo respeitar o governo constitucional e fazê-lo ser respeitado pelo meu clero."

Pouco depois de a concordata ter sido assinada pelo cardeal Pacelli e pelo católico Franz von Papen, o cardeal Bertram, de Berlim, escreveu a Hitler nos seguintes termos:

“O Episcopado de todas as dioceses alemãs, como se mostra por suas declarações ao público, teve satisfação em expressar, tão logo isso foi possível após a recente mudança na situação política por meio das declarações de Vossa Excelência, sua sincera disposição de cooperar, na melhor medida de suas forças, com o novo governo que proclamou como seu objetivo promover a educação cristã, travar guerra contra a impiedade e a imoralidade, fortalecer o espírito de sacrifício pelo bem comum e proteger os direitos da Igreja.” (*Do Catholic* [Londres] *Universe*, 18 de agosto de 1935.)

Seja o que for que a Igreja Católica hoje pense sobre Hitler e todo o esquema do Eixo nazi-fascista, não há dúvida de que o Vaticano foi aliado de Hitler desde o início. Fritz Thyssen, rico magnata católico do aço que financiou Hitler[2], dá testemunho disso. Depois de ir para a Suíça em 1940, Thyssen escreveu um artigo no *Arbeiterzeitung* suíço intitulado: “PIO XII, COMO NÚNCIO, LEVOU HITLER AO PODER”. Nesse artigo, ele declara claramente qual era o objetivo do plano Hitler–Vaticano. Ele diz:

“A ideia era ter uma espécie de Estado Corporativo Cristão organizado segundo as classes, que seria sustentado pelas Igrejas — no Ocidente, pela Católica, e no Oriente, pela Protestante — e pelo Exército.”

Mein Kampf, de Hitler, incorpora todos os objetivos e princípios contrários aos processos liberais e democráticos reiterados em todas as encíclicas papais importantes do catolicismo pós-Reforma. Não deveria ser surpreendente que o Vaticano, em nosso tempo, em troca de benefícios prometidos à Igreja Católica, tenha traído as forças da democracia, tanto dentro quanto fora da Igreja, e utilizado sua influência e seu poder para fomentar a adesão ao fascismo e ao nazismo em todo o mundo.

2 Ver o livro de Thyssen, *I Paid Hitler*, publicado neste país em 1941.

FILIAÇÃO RELIGIOSA DOS DITADORES NAZISTAS E FASCISTAS, SEUS FANTOCHES, QUISLINGS E COLABORADORES

Os fatos a seguir foram verificados junto a publicações e órgãos oficiais de informação:

Adolf Hitler — Führer Nazista ..... *Católico Romano*
Benito Mussolini — Duce Italiano ..... *Católico Romano*
Francisco Franco — Caudilho Espanhol ..... *Católico Romano*
Antonio Salazar — Ditador Português ..... *Católico Romano*
Henri Pétain — Chefe de Estado de Vichy ..... *Católico Romano*
Pierre Laval — Chefe de Governo de Vichy ..... *Católico Romano*
Joseph Tiso — Chefe de Estado da Eslováquia ..... *Sacerdote Católico Romano*
Vidkun Quisling — Primeiro-Ministro da Noruega Ocupada ... *Protestante*
Anton A. Mussert — "Quisling" da Holanda Ocupada .... *Protestante*
Emil Hacha — Presidente da Boêmia-Morávia ..... *Católico Romano*
Konrad Henlein — "Quisling" da Sudetenlândia ..... *Católico Romano*
Leon M. Degrelle — Líder Rexista Belga ..... *Católico Romano*
Ante Pavelich — Poglavar Croata (Líder) ..... *Católico Romano*
Darquier de Pellepoix — Comissário de Vichy, odiador dos judeus ..... *Católico Romano*